

**AS ORIGENS DA LENDA “A SALAMANCA DO JARAU”, DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO**

**THE LEGEND’S ORIGINS “A SALAMANCA DO JARAU”, BY JOÃO SIMÕES LOPES NETO**

Elisângela Aparecida Zaboroski de Paula  
Mestranda em Literatura  
Universidade Federal de Santa Catarina  
([elisdpaula@gmail.com](mailto:elisdpaula@gmail.com))

**RESUMO:** João Simões Lopes Neto (1865-1916), escritor gaúcho, autor de uma obra que mesmo regionalista é universal. O criador das Lendas do Sul (1913) introduziu nesse livro três das inúmeras lendas pertencentes ao folclore do Rio Grande do Sul, sendo elas: a M’Boitata, a Salamanca do Jarau e o Negrinho do Pastoreio. Mas qual seria a razão pela qual Simões escolheu-as? Talvez porque unidas elas formam essa heterogeneidade de raças que constituem o povo gaúcho. Nossa pesquisa procura, além do estudo da lenda simoniana e da busca de identidade social e cultural pela personagem Blau Nunes, também realizar um mapeamento acerca das origens das lendas das Salamancas e sua chegada à região do Rio da Prata.

**Palavras-Chave:** João Simões Lopes Neto; Lendas; Salamanca do Jarau

**ABSTRACT:** João Simões Lopes Neto (1865-1916), southern writer, author of a work that even regionalist is universal. The creator of Lendas do Sul (1913) introduced in this book three (M’Boitata”, The “Salamanca do Jarau” and the “Negrinho do Pastoreio”) of the innumerable legends which belong to the folklore of *Rio Grande do Sul*. But why did Simões choose them? Maybe because they together form this heterogeneity of races that the southern people are made of. Our work aims to not only study Simões’s legend and the social and cultural search of identity by the character Blau Nunes, but also to map about the origins of Salamancas’ legends, its arrival to the region of *Rio da Prata*.

**Keywords:** João Simões Lopes Neto; Legends; Salamanca do Jarau

### **As origens da lenda gaúcha**

João Simões Lopes Neto (1865-1916), um contador de casos, mitos, lendas. Escritor referencial acerca dos estudos sobre o regionalismo gaúcho. Simões destaca-se por seu jeito simples e literário de relatar a vida pampeana do Rio Grande do Sul. O escritor regionalista está intimamente ligado às questões de identidade cultural e social do povo sul-rio-grandense. Ele nos conta, através de sua obra, Lendas do Sul, de uma forma implícita, a formação desse povo gaúcho, essa heterogeneidade de negros, europeus e indígenas que formam o homem do extremo Sul do Brasil.

Sobre o livro de Lopes Neto Lendas do Sul de 1913 editado pela Echenique & Cia – Editores de Pelotas, Rio Grande do Sul, Antônio Hohdfeldt diz

que as três lendas escolhidas pelo autor para formar sua referida obra são fundamentais para a descrição simoniana de três tradições étnicas que vieram a formar a cultura gaúcha e a identidade do próprio gaúcho.

Estas etnias apresentam-se da seguinte forma: a lenda que abre o livro, intitulada A Mboitatá remete-se aos povos indígenas, nativos daquela região pampeana que com a chegada dos colonizadores - lembrando que o primeiro povoamento branco do Rio Grande do Sul foi espanhol – começaram a formar esse povo. Já a segunda lenda integrante do livro, intitulada A Salamanca do Jarau, de origem espanhola, nos apresenta à tradição européia, remetendo à figura do povo espanhol, responsável pela colonização de países como Uruguai e Argentina e que, devido a proximidade geográfica com o Rio Grande do Sul, influenciaram, integraram e auxiliaram a formação do povo gaúcho. A Salamanca nos traz ainda a mescla cristão-árabe, seu misticismo, encantamentos e milagres. Aqui é reforçada a tradição do povo Islâmico contada através da história de uma moura encantada – a Teiniaguá. A terceira e última lenda, O Negrinho do Pastoreio chama a atenção para a questão do negro-escravo, mais uma etnia formadora do povo sul-rio-grandense. Cada uma dessas lendas escolhidas por Simões Lopes para integrar seu livro é decisiva para o entendimento da formação cultural do Rio Grande do Sul. Tais lendas possuem diversos elementos de culturas diferentes, os quais, unidos, são responsáveis pela formação da identidade do povo gaúcho. Porém, a lenda A Salamanca do Jarau abrange de uma forma mais evidente essa formação de identidade.

Ao abordar o tema da Salamanca do Jarau, Simões Lopes Neto sentiu a profundidade de horizonte lendário que se desdobrava além da sua visão evocativa. Tema complexo, tramado de incidências e alusões, não podia ser tratado como as outras lendas que tentou estilizar; a do Negrinho do Pastoreio, por exemplo, a mais bela sem dúvida, na sua simplicidade crioula, publicada em 1906 no Correio Mercantil, e a da M'Boi-tatá, que abre o volume das Lendas do Sul e apareceu em 1909 (MEYER, 1979, p. 171).

Para a explicação dessa lenda, Simões conta com o auxílio do narrador-personagem Blau Nunes, descendente dos povos nativos, sendo que esse fato é relatado de forma explícita quando o mesmo relembra o que sua avó charrua contava. Outra personagem de suma importância é o sacristão, descendente de

espanhóis jesuítas. Por fim, a última é a moura encantada, a princesa árabe, existindo aqui a mescla entre cristãos e árabes, embora proibida pela igreja Católica da época, causada pelo amor dela com o sacristão.

Serás o meu par... Se a cruz do teu rosário não me esconjurar... Se não, serás ligado ao meu flanco, para quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascer uma nova gente, guapa e sadia, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas que eu sei e as que tu lhe carrearás por via dessas! (LOPES NETO, 2006, p. 206).

A teiniaguá, ou moura encantada reúne em si o oriental, o europeu e o povo indígena.

Lendas do Sul tem por objetivo a busca da composição étnica, histórica – e por que não dizer – até mesmo antropológica da civilização gaúcha, através de seus tipos principais, representados cada qual por uma narrativa: o índio, o árabe e o espanhol, o português e o negro (HOHLFELDT, 1996, p. 47).

E como surgiu essa lenda recontada por Lopes Neto? As lendas das Salamancas são muito antigas, de origem espanhola, da Península Ibérica. Elas, no decorrer dos anos, percorreram várias regiões, e através dos colonizadores chegaram à região do Rio da Prata, ganharam cunho popular e erudito, chegando até Simões Lopes Neto, o qual produziu então, a lenda da Salamanca do Jarau. Mas o que era realmente a cova de Salamanca?

Segundo os estudiosos, simplesmente a sacristia subterrânea da igreja de São Cipriano, na Espanha, de que ainda restavam alguns vestígios no começo do século passado. O termo salamanca foi utilizado porque nessa região da Espanha e ainda em Córdoba e Toledo existiam escolas de magia, as quais eram muito famosas, sendo seus introdutores os mouros, vindos do norte da África mais precisamente da Mauritânia, não cristãos. A palavra salamanca aparece como uma simples designação, sobretudo na América, para cavernas encantadas, e foi essa a acepção em que Simões baseou-se.

Para adentrarmos na questão das origens de tais lendas precisaremos voltar ao ano de 1332, pois se acredita que o sacristão Clemente Potosi foi professor de artes mágicas na fuma de Salamanca, onde, segundo relatos, aconteciam rituais

mágicos (aqui temos uma relação com a versão simoniana, pois o para romântico da teiniaguá ou da moura encantada era também um sacristão).

Já em 1530, Pedro Ciruelo (1470-1548), matemático e teólogo, que privara, segundo Meyer, com Felipe II, relatava histórias de furnas encantadas. Ele relatou que antigamente na região de Salamanca, e também de Toledo, na Espanha, era comum a prática da necromancia, exatamente devido a Espanha estar sob o domínio árabe, povo que é considerado precursor das artes mágicas no país. Tudo isso está relatado em seu *Tratado en cual se repruevan todas las supersticiones y hechierias*.

Temos também um *Tratado de las superstioniones y hechicerias* de 1529, de autoria do frade Martín de Castañega. Nesse tratado ele dá seis razões porque existem mais mulheres praticando a magia do que homens, e cita em especial sua última razão / conceito, a qual fala que os homens quando praticam o encantamento o vêem como uma arte científica, já as mulheres, como não têm nenhuma tendência para a ciência e para a ciência como arte, praticam-na para seu próprio bem e/ ou mal alheio.

Há relatos de que um famoso padre jesuíta da Inquisição católica chamado Martin del Rio (1551-1608) escreveu um verdadeiro código de bruxarias sob o título de Pesquisas mágicas, e o mesmo ainda afirma ter conhecido, em Salamanca, a furna da onça, ou seja, uma cripta onde se praticavam e ensinavam as artes negras.

Em 1611, Don Sebastián de Covarrubias (1539-1613) publica o *Tesoro de la Lengua Castellana o Española* e ao abrir um verbete para dar um dos inúmeros significados para a palavra Salamanca ele diz :

Algunos quieren que este sea Griego psallo & mantici, divinatio, quase cantus divinus, parece aludir a la fabula de que en Salamanca se enseñava la encantacion, y arte de nigromancia en una cueva que llaman de San Cebrian (COVARRUBIAS, *apud.* MEYER, 1979, p. 174).

Podemos dizer que a palavra salamanca esteve sempre relacionada com as artes mágicas, a ponto de, para alguns filósofos, o pronunciamento da palavra salamanca ser considerada metonimicamente o mesmo que a invocação das artes negras, ou condenadas, como era comum chamá-las.

Entre os séculos XVII e XVIII, encontramos em seus autores várias referências sobre os encantamentos na fuma de Salamanca. Don Francisco de Torreblanca, em um livro sobre magia, fundamenta essas histórias sobre as furnas encantadas nessa região. Um fato importante a ser citado é que esse tema despertou grande interesse aos estudiosos, porque um beneditino, Benito Jerônimo Feijóo (1676-1764), delongou-se em várias pesquisas sobre o assunto e transformou o diabo, que segundo muitos, aparecia nas furnas, em sacristão, e as magias realizadas, em travessuras de estudantes.

Em Portugal, no seu período Quinhentista, encontramos a expressão “Cova de Salamanca” como designação para lugares encantados e para furnas que guardassem ou escondessem algum tipo de tesouro. Vale lembrar que até hoje o tema das mouras e dos tesouros encantados perdura em Portugal.

Temas como furnas ou cavernas encantadas tornaram-se clássicos da literatura no teatro espanhol. No *Entremés de la cueva de Salamanca*, de autoria de Miguel de Cervantes (1547-1616), o criador de Dom Quixote valeu-se do pretexto das histórias de Salamanca terem ganhado espaço na literatura para falar disso em tom de brincadeira, principalmente quando abre um capítulo especial na segunda parte de seu *Entremés* para descrever as maravilhosas “cuevas de Montesinos”.

No século XIX temos *La redoma encantada*, do espanhol Juan Eugenio Hartzenbusch (1806-1880), um drama de magia em quatro atos.

As cavernas ou furnas encantadas são clássicas na literatura juntamente com a tradição de lagartos ou lagartixas com jóias incrustadas em suas cabeças. A Teiniaguá de Simões, por exemplo, possui uma gema no lugar da cabeça. Na obra A Tentação de Santo Antônio (1874), do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880), há uma alusão a esse tema: “Verás, dormindo sobre primulas, o lagarto que só desperta de século em século, quando cai de maduro o rubi que tem na testa” (FLAUBERT, 2004, p. 101).

Histórias e lendas sobre salamancas encantadas e lagartos com jóias incrustadas na cabeça chegaram até a região do Rio da Prata com os colonizadores e espalharam-se por essas localidades, existindo versões brasileiras para elas. Entre as versões populares nacionais de tais histórias, difundidas através da literatura oral, duas possivelmente influenciaram o autor de Lendas do Sul a recontar a lenda da Salamanca, são elas: uma versa sobre um general que ora fazia parte do exército

dos Farrapos, ora fazia parte do exército Imperial, na Revolução Farroupilha (que ocorreu entre os anos de 1835-1845, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina), chamado Bento Manuel Ribeiro, o qual era dono de terras onde se localizava o Cerro do Jarau, ao norte da cidade de Quaraí /RS, onde existia uma fuma em que viveria a Teiniaguá. Diz a crença popular que esse controverso general adentrou no Cerro do Jarau e fez um pacto com a Teiniaguá, e teria saído de lá com muita sorte, riquezas e o “corpo fechado”. Diz ainda a crença popular que o exército de Bento Gonçalves só perdeu a Guerra porque ao final dela Bento Manuel integrava o exército Imperial.

A seguir a tradição local o célebre caudilho Bento Manuel deveu sua sorte guerreira, política e de fortuna ao conchavo que ajustou na *Salamanca do Jarau*. Antes dele, alguns, mas depois, nenhum outro aí obteve mais nada, desde - ‘que o cerro pegou fogo’- quando acabou o encantamento (LOPES NETO, 1988, p. 165).

A segunda versão popular, que certamente influenciou Simões, é a história de um vaqueiro que conduzia o gado quando, de repente, em meio a uma violenta tempestade, foi parar no Cerro do Jarau e deparou-se com um homem que explicou ao simplório gaúcho quem ele era: um sacristão da cidade de Santo Tomé das antigas Missões Jesuíticas, e estava lá porque foi encantado. O sacristão convidou-o para adentrar na fuma, ele assim o fez e viu todas as riquezas, ouro e pedrarias lá existentes. Ao sair da fuma encantada, o homem recebeu uma onça (moeda) de ouro que nunca se acabaria. Ele aceitou, mas depois, com medo daquele objeto, resolveu devolvê-lo e viver somente de seu trabalho. Tem-se aqui certamente o modelo da saga de Blau Nunes, o protagonista da versão simoniana. Como podemos perceber é provável que o escritor gaúcho tenha se valido dessas versões populares da lenda para produzir a sua versão para a mesma.

Entretanto, ainda podemos afirmar que Lopes Neto também recorreu aos mitos guaranis para produzir sua lenda, já que os índios, antes da chegada dos jesuítas, tinham Anhangá, como o ser maléfico, das trevas, o pai da Teiniaguá, e Tupã como o trovão. Contudo, os padres jesuítas foram os responsáveis pela denominação de Tupã como Deus e de Anhangá como o diabo. O povo guarani seria o criador do pai da Teiniaguá, como nos afirma Chiappini (1988): “O vento traz também, na sua correnteza sem corpo, as vozes guaranis; imaterial, esse vento,

sopro sagrado, carrega a voz do povo que inventou Anhangá – o pai da Teiniaguá encantada” (p. 205).

Simões ainda faz uma alusão implícita a essa fonte guarani valendo-se dos jaguares para isso. No trecho em que Blau Nunes enfrenta as sete provas para encontrar a Teiniaguá, sua segunda provação é passar por jaguares e pumas. É preciso lembrar que esses animais simbolizam as forças do mundo subterrâneo, as quais precisam ser combatidas. Os jaguares são tradicionalmente guardiões, e entre os índios da América Central são eles os responsáveis por guardarem as quatro vias de acesso ao centro de suas cidades. Já para os Maias, eles são, sobretudo, expressão das forças da terra, do sol negro, do curso noturno dos astros, da terra devorando o sol e são ainda, como nos diz Chiappini (1988), “guardiões do fogo nos mitos civilizadores”. (p. 216).

Outro acontecimento que alude aos mitos guaranis na lenda de Simões é o fato de o sacristão encantado, ao apresentar Blau a Teiniaguá, a qual está disfarçada como uma velha bruxa, chamar-lhe pelo termo indígena cunhã, que significa mulher em guarani.

Ainda falando de fontes populares que influenciaram Lopes Neto a produzir a saga de Blau, podemos relacionar a Teiniaguá encantada com uma outra figura mitológica: trata-se da Mãe do Ouro, já que a mesma é conhecida por ser aquela que governa tudo, a que não se sabe o que é, uma alma que não morreu. Ao recusar os sete prêmios que a Teiniaguá lhe ofereceu, blau faz uma alusão à mãe do ouro ao falar da Teiniaguá:

Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo! . . . És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim. . . eu te queria a ti teiniaguá encantada! . . . (LOPES NETO, 1949, p. 314. Grifo nosso).

Contudo, a obra *Reseña histórico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Rio de la Plata* (1896), de Daniel Granada (1847-1929), é considerada a principal fonte de Lopes Neto. Foi ele quem forneceu informações suficientes ao escritor através dos capítulos em que fala de Salamanca, Cerro encantado e Cerro bravo. Tais capítulos contêm informações históricas e folclóricas que aparecem na versão da lenda de Simões Lopes. A lenda de Simões, em seu primeiro capítulo, corresponde aos capítulos VIII e IX da obra de Granada, intitulados

“Salamanca”, sendo que o escritor espanhol fala neles sobre as crenças nas furnas encantadas, da Espanha e de todo o mundo, dando destaque para a furna de Salamanca. Ele ainda relata como as histórias dos salamanqueiros foram trazidas para a América.

El arcediano Martín del Barco Centenera [...] vino al Río de la Plata el año 1573 con la expedición del adelantado D. Juan Ortiz de Zárate conta que por este tiempo corria valida la especie de que en las Indias había un animalejo que tenía en la cabeza una piedra preciosa, semejante a una brasa vivísima, del color del rubí: Llamábanle carbunclo o carbúnculo. Barco Centenera dice haberle visti más de una vez en el Río de la Plata y que pasó infinitas congojas y trabajos por darle caza [...] Barco Centenera tuvo la fortuna de ver repetidas veces en las comarcas rioplatenses, no es otra cosa, ni menos real y verdadera, que el *teyuyaguá* de la *salamanca* del Yrao que vino a meterse en la *guampa* del sacristán de la iglesia de Santo Tomé (GRANADA, 1947, p. 104).

Já no capítulo II da lenda do escritor gaúcho, temos a presença de um elemento novo acrescentado pelo criador de Blau Nunes: Lopes Neto relaciona o tema da princesa moura com a teiniaguá, algo que ainda não tinha sido realizado e que será um componente fundamental para o desenrolar de toda a história. Quanto ao texto de Granada o que relatamos é que em seu capítulo X, intitulado “Cerros encantados – Fuego y oro”, o escritor espanhol fala sobre o carbúnculo das regiões próximas dos Andes, o qual é parecido com a Teiniaguá de Simões. Granada ainda discorre sobre temas como tesouros escondidos, cerros que esbravejam, lagoas devoradoras de pessoas, entre outros.

El carbunclo, por tanto, de las regiones próximas a los Andes, que no es sino, bajo alguna forma parecida, el *teyuyaguá* de las Misiones del Paraná y Uruguay, se halla en relación íntima con el origen de los metales, con la madre del oro y de la plata. [...] Ciertamente la posesión de salamanca y salamanqueros, de tesoros escondidos y fuegos y estruendos, de carbunclos, de cerros que bramam y se commueven, de lagunas que se tragan a los transeúntes, de encantos em suma, no es cosa privativa del Río de la Plata, del Paraguay, del Brasil. El diablo es el mismo en todas partes (GRANADA, 1947, p. 99/101).

Em seguida, nos capítulos III, IV, V e VI do texto de Simões, o sacristão conta sua história desde seu encontro com a Teiniaguá até o seu com Blau Nunes. Essa parte da história foi inspirada em Granada, numa parte de seu capítulo dez.



“São mais de 10 páginas de poesia e beleza em que prazeres e dores são revividos [...] e tudo isso inspirado em granada, em seu capítulo X” (CHIAPPINI, 1988, p. 196).

Outros pontos em que podemos aproximar as obras de Granada e de Lopes Neto são as descrições das lagoas que o escritor gaúcho faz valendo-se das do autor espanhol e a maneira como o sacristão de Simões põe-se a pensar sobre as riquezas que poderá obter ao ter como sua a Teiniaguá.

Simões também teria obtido informações na *Resenã* sobre um campeiro que adentrou no cerro do Jarau e com base nisso produziu a saga de Blau, o gaúcho pobre, contador de histórias, o guasca atrevido, o símbolo da força do homem do Sul. Porém, Daniel Granada ao relatar os obstáculos que seu caminhante enfrentou para chegar até a caverna encantada não se deteve muito em suas descrições, simplesmente resumindo-as. Já Lopes Neto fez exatamente o inverso. Ele é detalhista e por isso demora-se em cada uma das descrições dessas dificuldades e ainda subdivide-as em sete complicados momentos da saga de Blau até o mesmo encontrar a Teiniaguá.

O escritor gaúcho recria também o texto de Granada quando relata a sexta prova de Blau Nunes, onde ele deve passar por belas ninfas que o tentam distrair. Aqui o escritor brasileiro cria uma atmosfera erótica para relembrar o texto de sua principal fonte inspiradora.

Outra importante questão a ser debatida é a existência da “onça mágica” dada a Blau Nunes pelo sacristão encantado. Na versão brasileira ela é furada pelo condão mágico da velha princesa moura encantada, multiplicando-se, porém, de uma em uma. Na versão do folclorista espanhol essa onça de ouro não é furada, não se reproduz apenas de uma em uma, ela é simplesmente mágica e por isso não é suspeita de ser coisa do diabo como na versão de Lopes Neto. Contudo, a solidão de Blau com sua “onça mágica” o faz devolvê-la assim como a personagem de Granada. São essas e muitas outras as semelhanças entre ambos que nos fazem concluir que ainda podemos encontrar na obra de Granada outros elementos e personagens descritos pelo escritor gaúcho. Simões, por exemplo, faz uma referência a “cueva de San Ciprian” na Elucidación que integra a edição de 1913 de Lendas do Sul. A “cueva” está descrita exatamente na referida obra de Granada, não esquecendo que o escritor espanhol pode ter se valido da obra História de Salamanca (1887), de Manuel Villar y Macias.

Outra possível fonte da qual Simões Lopes poderia ter se valido para a produção da lenda, embora a maioria de seus estudiosos não ache provável, é a acima referida História de Salamanca, de Villar y Macias. Nela existe um capítulo sobre lendas de cavernas encantadas e o autor delimita rigorosamente as origens da lenda. Dizer que Simões não teria tido acesso à leitura de Villar y Macias é bem provável, pois essa obra sua é muito rara, existindo no Brasil apenas um exemplar pertencente à Biblioteca Nacional. Ao que consta nas biografias de Simões, ele esteve estudando no máximo por seis anos no Rio de Janeiro, até seus dezessete anos de idade, sendo que depois disso abandonou os estudos e tornou-se autodidata. Daí ser dificilmente correta a afirmação da sua leitura de Villar y Macias. “Simões Lopes, certamente não chegou a conhecer o livro de Macias; fala em “cueva de San Cebrian”, alude à lenda de São Cipriano, mas nunca se refere as origens locais como vêm comprovadas no historiador espanhol” (MEYER, 1979, p. 176).

Também podemos citar o padre jesuíta e historiador alemão Carlos Teschauer (1851-1930), pois ele, valendo-se da obra de Granada, e muitas vezes até reproduzindo-a com os mesmos termos utilizados pelo escritor da *Reseña* e até escrevendo capítulos inteiros com leves alterações, quando não o traduzindo *ipsis litteris*, como nos chama a atenção Chiappini (1988), ele produziu seu estudo sobre as lendas do ouro na bacia do Uruguai, que foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Fortaleza, em 1911. Essa fonte certamente influenciou o escritor gaúcho, onde ele recolheu elementos essenciais para a produção da sua versão. “A leitura de Teschauer levava naturalmente Simões Lopes a consultar o livro de Granada, que apareceu em 1896” (MEYER, 1979, p. 180).

A Espanha do Romantismo registra ainda o conto *La cueva de la mora* (1863), de autoria de Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870) e componente do livro publicado postumamente em suas Obras Completas intitulado *Leyendas*. Bécquer nos relata uma história da região de Fittero, perto do rio Alhambra, onde ocorreram várias batalhas entre mouros e cristãos. Segundo o autor, lá existiu uma fortaleza árabe, onde morava a bela filha de um alcaide mouro. Conta-se que um líder do exército cristão apaixonou-se perdidamente por ela. Podemos relacionar a versão de Bécquer com Lopes Neto e sua moura encantada, pois na versão do escritor gaúcho também existe uma moura de uma beleza incomparável e um sacristão que se

apaixona perdidamente por ela. Na versão do romântico espanhol o cristão arrisca sua vida e a de seu exército para que ele possa chegar perto de sua amada, ou seja, enlouquecido de amor não consegue ver os perigos que o cercam. Na versão brasileira temos um sacristão capaz de unir o vinho sagrado, o qual representava o sangue de Cristo, e, portanto, um elemento divino, com a Teiniaguá, considerada como pagã, seja por sua religião, seja por sua condição de encantada.

Bécquer conta que quando alguém perguntava a algum trabalhador de Fítero sobre as furnas, grutas e passagens subterrâneas que envolvem as ruínas do reduto árabe suas respostas sempre eram:

– ¡Penetrar en la cueva de la Mora! – me dijo, como asombrado al oír mi pregunta – Quien habá de atreverse? No sabe usted que de esa sima sale todas las noches un anima? [...] –El anima de la hija de un alcaide moro que anda todavía penando por estos lugares, y se la ve todas las noches salir vestida de blanco de esa cueva, y llena en el rio una jarrica de agua (BÉCQUER, 2005, p. 224).

Embora a lenda de Bécquer não fale de tesouros encantados e da Teiniaguá em si, ela nos traz uma vertente da lenda de uma moura encantada e de um cristão apaixonado pela mesma.

Outra versão interessante que podemos destacar é *The legend of the enchanted soldier* publicada no livro *Tales of the Alhambra* (1832/ 1857), do escritor norte-americano Washington Irving (1783-1859). Segundo Hilda Simões Lopes (2003), tal história seria a versão europeia da Salamanca do Jarau. Ela acredita que pode existir uma ligação entre a obra simoniana e a literatura de Irving e explica que a lenda faz alusão a um sacristão conhecedor das artes mágicas da “cueva de San Cebrian”. “Está a nos parecer que a pesquisadora supõe que a obra de Irving estabeleça um novo elo na cadeia da tradição ibérica que chegou ao Prata e, posteriormente, ao Rio Grande do Sul e em Simões Lopes Neto” (BAVARESCO, 2003, p. 15). A pesquisadora inclusive faz um estudo comparativo entre o narrador-personagem Blau Nunes com [sic] don Vicente, um estudante espanhol, protagonista da versão de Irving.

Na vizinha Argentina existe uma versão de Rafael Obligado (1851-1920) para esse tema do folclore em suas *Leyendas argentinas* de 1877.

O livro intitulado *A Book of Folk-Ways* (1936), de Rodney Gallop, sobre o folclore português (lembrando que na tradição popular de Portugal, histórias sobre princesas mouras encantadas são bastante comuns), relata a aparição de princesas mouras com caldas de serpentes e que só se mostravam aos olhos dos mortais em noite de São João e sempre apareciam penteando seus cabelos de ouro com um pente do mesmo metal. As princesas são as guardiãs de um tesouro encantado que os infiéis abandonaram. “Simões Lopes Neto se apropria dessa tradição, sobretudo ibérica, e constrói sua criação (a saga de Blau), baseada nesses mitos arcaicos” (BAVARESCO, 2003, p. 21).

Aqui buscamos através desse estudo mapear / traçar um percurso ideal da lenda, pontilhando, segundo Meyer, uma linha que parte de Salamanca, que atravessa o oceano Atlântico e chega até a fronteira do Rio Grande do Sul; que sai da sacristia de São Ciprião e chega ao Cerro do Jarau. Vamos adentrar neste mundo mítico, histórico, na busca de identidade social e cultural através dos tempos.

### **Considerações finais**

Nosso desafio é ainda a divulgação do folclore gaúcho bem como do espanhol, numa relação íntima em que ambos são decisivamente importantes para que suas histórias sobrevivam ao tempo e continuem fazendo parte do imaginário popular, sendo que também possam ter seu merecido espaço na cultura erudita através dos literatos e Simões faz isso muito bem ao deixar registrada nas páginas de seus livros essa lenda advinda da literatura oral.

### **Referências**

BÉCQUER, G. A. **Leyendas/Lendas**. Trad. Antônio R. Esteves. Brasília: Embajada de Espana. Consejería de educación, 2005.

BAVARESCO, A. **Aprender a ser gaúcho**: a Salamanca do Jarau de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: WS editor, 2003.

CHAVES, F, L. **Simões Lopes Neto**: regionalismo e literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CHIAPPINI, L. **No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FLAUBERT, G. **A tentação de Santo Antônio.** Trad. Luís de Lima. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GRANADA, D. **Resenã historico-descriptiva de antigas y modernas supersticiones del rio de la Plata.** 2. ed. Buenos Aires: Kraft, 1947.

HOHLFELDT, A. **Literatura e vida social.** Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1996.

LOPES, H. S. **O cerro do Jarau e as torres de Alhambra.** Diário Popular. Pelotas, 29/06/2003.

LOPES NETO, J. S. **Contos Gauchescos. Lendas do Sul.** Edição crítica por Aurélio Buarque de Holanda. Porto Alegre: Globo, 1949.

\_\_\_\_\_. **Contos Gauchescos. Lendas do Sul. Casos do Romualdo.** Edição crítica por Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

\_\_\_\_\_. **Contos Gauchescos. Lendas do Sul.** Edição crítica por Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: UNISINOS, 2006.

MEYER, A. **Prosa dos pagos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.